

Comitê reuniu-se para definir propostas para o Plano de Ação 2015/16 da JFGO



Na tarde do dia 13 de abril, integrantes do Comitê Institucional de Planejamento Estratégico da Seção Judiciária de Goiás (Cipe/GO) reuniram-se na sala da Diretoria do Foro para avaliar as propostas elaboradas por diversas unidades desta Seccional para compor o Plano de Ação 2015-2016 e verificar aquelas que se adequam ao Plano Estratégico da Justiça Federal, aprovado pela Resolução CJF nº 313, de 22.10.2014, e instituído na Primeira Região através da Resolução TRF1 nº 29, de 19.12.2014.

Na ocasião, foram lidas e discutidas todas as iniciativas propostas, tendo sido excluídas aquelas consideradas simplesmente como ações operacionais, as que já constam como iniciativas nacionais e aquelas cuja proposição é exclusiva de Tribunais Superiores.

As propostas selecionadas serão encaminhadas ao Tribunal, para aprovação e posterior conversão em projetos estratégicos a serem implementados nesta Seccional.

Participaram da reunião Clécio Bezerra Nunes Júnior, Diretor da Secad e Presidente do Cipe/GO, os diretores Beltrão José de Souza Filho, do Nucoi, Ailton Ferreira Filho, do Nujcu, Rosane Terezinha de Souza Correia, do Nucre, Denison Rocha Montoro, do Nucad, Renato Vieira Machado, do Nutec, e os servidores Luiz Alberto de Freitas Faria, Supervisor da Sebes, Ronaldo Borges de Oliveira, Supervisor da Semad, e Simone Meggetto de Campos, representando a Seção de Comunicação Social..

Mutirão de Conciliação em Rio Verde



Realizou-se nos dias 22 e 23 de abril o Mutirão de Conciliação pré-processual, relativo a contratos da Gerência de Alienação de Bens Móveis e Imóveis/CAIXA, na Subseção Judiciária de Rio Verde.

Na ocasião, foram realizadas 50 audiências e homologados 35 acordos, perfazendo um total de R\$ 210.485,10.

O Mutirão foi uma parceria da Caixa com o Núcleo de Conciliação da Seção Judiciária de Goiás, sob a coordenação do juiz federal Mark Yshida Brandão, juntamente com a Subseção de Rio Verde.

As audiências contaram com a colaboração da diretora Luciana de Cassia Jardim, da servidora Vanusa P. Ribeiro e dos demais servidores da Subseção de Rio Verde, além da supervisora da Seção de Conciliação de Goiás, Carolina Brito Alves, e com o apoio do juiz federal Paulo Augusto Moreira Lima.

Visita de estudantes



Estudantes da FASAM e da FANAP visitaram a JF, onde foram recebidos pelo juiz federal Hugo Otávio Tavares Vilela. Ao saudá-los, o magistrado destacou que a vocação deve prevalecer na escolha de uma profissão, que deve também ser fonte de prazer e não só de trabalho.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA



Maria do Carmo

O casal de artistas plásticos Maria do Carmo e Fernando Dias expuseram, no mês de abril, no mezanino da Justiça Federal, algumas de suas obras de arte.

Maria do Carmo, natural de Araguari/MG, utiliza além da técnica de óleo sobre tela, também a aplicação de outros materiais como: textura, folha de ouro, sacos e linhagem, cascas de bananeira e reaproveitamento de pedaços de madeira que são submetidos a tratamento especial. Ela já expôs suas obras em vários lugares no Brasil e no exterior. Entre eles podemos destacar a Galeria Época, Casa Mix, e Assembléia Legislativa, em Goiânia, Galeria Arte Contemporânea LTDA, em Campo Grande/MS e XII Circuito Internacional de Arte Brasileira, em Viena, Varsóvia e Frankfurt.

Já Fernando iniciou seus trabalhos pintando caixas decorativas, malas antigas com decoupage e baús em 2002. Esta fase perdurou por 8 anos quando começou a trabalhar com aproveitamento de vidros e montagem de painéis de madeira. Hoje, o que caracteriza sua pintura são as gravuras de borboletas.



Fernando Dias

DICAS DE PSICOLOGIA



Como auxiliar o filho mais velho na chegada de um irmãozinho?

- 1) A primeira coisa é lembrar que a criança não tem recursos emocionais e comportamentais pra lidar com mudanças, inseguranças e ciúmes. Por isso, revela seu sofrimento com comportamentos agressivos, inoportunos, choros etc. Dessa forma, é preciso ler o comportamento não como indicativo de má criação, mas como indicativo de sofrimento e acolhê-lo, respeitá-lo e dar carinho.
- 2) De preferência não fazer um quarto novo e especial para o bebê que vai chegar; a não ser que reforme o da criança.
- 3) Antes do bebê nascer, se possível, comprar bonequinhos que represente os membros da família: mamãe, papai, criança e bebê.
- 4) Não falar que a criança terá um irmãozinho pra brincar com ele. Pois isso vai demorar muito. É bom comentar inclusive que o bebê, quando chegar, irá chorar muito.
- 5) Quando o bebê chegar da maternidade, trazer junto com ele presentes especiais pra criança, dizendo que é o bebê que está trazendo.
- 6) Deixar presentes guardados, pra quando a visita só trouxer presente pro bebê; dá-los pra criança.
- 7) Quando chegar a visita, um dos pais ficar com o bebê e outro com a criança.
- 8) Ter momentos exclusivos com a criança.

9) Convidar a criança pra ajudar com os cuidados do bebê. Mas não jogar a responsabilidade de cuidar do bebê para a criança (nem de brincadeira).

10) Nos momentos que for necessário colocar limite, fazer com firmeza, mas sem agressividade ou menosprezo.

11) Também é preciso cuidar pra não focar só na criança e deixar o bebê de lado, pois este também registra os acontecimentos ao seu redor.

12) Equilibrar os elogios. Elogiar um e o outro. Quando alguém elogiar um, elogiar o outro. Nunca fazer comparações.

Em resumo, se coloque no lugar de seus filhos, mas não com os recursos que você tem, mas com os recursos que eles têm.

E, pra finalizar, cuidem de si como pais, pois também precisarão estar bem!

Nádia C. O. Santana - Psicóloga; Psicoterapeuta Existencial; Mestra em Psicologia da Personalidade; Especialista em Psicologia da Saúde; Docente de Graduação e Pós-graduação; Palestrante; Mãe.
Clínica Êxito: 62 3225 4163

O monstro de olhos verdes



A inveja é um pecado terrível e levou Caim a cometer o pior dos crimes. Em outra passagem, a Bíblia censura expressamente o cometimento da falta capital (*Gálatas 5:26 diz: “Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros”*). A propósito, Dante

coloca os invejosos na segunda cornija do purgatório, onde têm as pálpebras costuradas com arame, pois os olhos assim fechados eram o castigo apropriado aos que odeiam ver a felicidade alheia, para citar a famosa definição de Santo Agostinho.

Cervantes advertiu que contra a inveja ninguém esta a salvo e o também genial Shakespeare a chamou de *“monstro de olhos verdes que escarnece daquilo de que se alimenta.”*

Sendo a inveja essa górgona diabólica, sempre tive medo das pessoas invejosas, mas fiquei um pouco confuso depois de ler um artigo do sempre interessante Hélio Schwartsman, segundo o qual esse sentimento pode ser bom para a sociedade, desde que os mais pobres possam se beneficiar de certa mobilidade social. Nesse caso a inveja seria o motor da economia e, assim, da prosperidade. E dá um exemplo bem conhecido nosso: *“É para comprar um carrão melhor que o do meu vizinho que eu me disponho a trabalhar mais.”*

O articulista ainda cita Bertrand Russel, que afirma ser a inveja uma força de remoção de injustiças numa democracia, mesmo que seja por via torta, reduzindo os prazeres dos mais afortunados em vez de aumentar os dos menos. Contudo, o filósofo não deixa de reconhecer que a inveja é uma das principais fontes da infelicidade humana por ser insaciável: *“Se você deseja glória, pode invejar Napoleão. Mas Napoleão invejava César, César invejava Alexandre, e Alexandre, ousou dizer, invejava Hércules, que nunca existiu.”*

Seja como for, não tenho receio de me tornar invejoso, pois todos que me conhecem sabem que sou superior a esse sentimento deplorável, fruto da vaidade exagerada. Sim senhor, tá aí um defeito que não tenho!

Só não posso me conformar com certas injustiças da vida. Vejam o caso do meu vizinho que sem mérito algum tem um carrão importado da Alemanha, dessa marca tão famosa no momento por arruinar a vida de certa autoridade. Por que eu, detentor de tantas e elevadas qualidades, não tenho carro igual? Sou eu quem deveria dirigir tal obra de arte sobre rodas, porque sou especial e inteligente, porque separo meu lixo para reciclagem e faço

muitas outras coisas legais que por insuperável modéstia e falta de espaço deixo de enumerar.

Deveria ser minha aquela maravilha turbinada, com mais de quinhentos cavalos de pura felicidade. Não porque eu precise, mas porque mereço. E o dito vizinho “aparecido” é ainda um gamenho que usa sapatinhos “Prada”. Arrematado príncipe da ostentação! Pode uma coisa dessas? Sem falar que o burguesinho...

Renato Barbosa Cruz – servidor da 2ª Vara

Os beijos e o Tempo



Há tempos aqueles olhares não se encontravam.
Olhos profundos. Olhos de lápis, estrelas.
Namoravam-se de novo. Depois de tanto tempo.

Ambos de pé, frente a frente. Uma pequena distância.

Havia dois mares ali.
Um de tempo.
Um de sentimentos.
Represados, esperados.

Ambos a cada dia maiores, mais profundos, mais transparentes.
Mais revoltos.

Ela sabia o que iria acontecer. Mas sabia que podia esperar. Que ele viria.
Ele sabia o que iria acontecer. E não podia esperar mais.
Ele iria.

O tempo parou. O vento parou. O som parou.
Eles não conseguiam ouvir o próprio respirar.
Apenas os corações, que começavam a correr soltos, livres depois de tanto tempo.

E ele se dirigiu a ela, devagar, com a certeza de que não era preciso pressa.
Agiria com todo o cuidado. Ela era preciosa demais.
E ela o esperou, com a certeza de que não era preciso pressa.
Ela sabia que ele agiria com todo o cuidado. Ele era precioso demais.

Os corações, os corpos e as bocas queriam urgência. Já havia passado muito tempo.
Mas eles sabiam que os poucos segundos que ainda restavam eram bem-vindos.
Queriam se observar mais um pouco. Seus olhos queriam se namorar mais um pouco. Queriam se acostumar um com o outro novamente.
E o Tempo, agora, era deles.

E, num instante, depois de dois sorrisos breves, a pouca distância que os separava já não existia mais. Eram centímetros agora. Os corpos de pé. Face a face.
Os olhos, ainda se namorando, olhavam-se, liam e se absorviam. Os dela brilhavam ainda mais que o de sempre. Os dele, quase não acreditavam no que viam.

Os lábios tão próximos que era possível sentir o calor um do outro.
A respiração começando a entrar em descompasso.
Ele tinha de ser cuidadoso. Nada podia dar errado.
Ela sabia que ele seria cuidadoso. Nada daria errado.

Sua mão direita se apoiou na cintura dela. Sua mão esquerda a tocou de leve no braço, com a ponta dos dedos. O primeiro toque depois de tanto tempo.
Sua mão esquerda o segurou de leve no braço. Sua mão direita pousou leve sobre seu ombro.
Ele a envolveu pela cintura, em um laço macio, com a firmeza que lhe era particular.
Ela envolveu seus ombros com os braços, em um laço macio, com a suavidade que lhe era particular.
Os olhos fixos um no outro.

E suas respirações, sem querer, ao mesmo tempo, pararam por um segundo.

Seus lábios se esbarraram nos dela, quentes, permaneceram ali por segundos e escorregaram para o lado, quando beijou-lhe a face e inspirou fundo aquele seu perfume único. Lembrança há tanto guardada no coração, com outros de seus bens mais caros. Ela sentiu seu cabelo e seu cheiro, como sempre gostara de fazer. Lembranças há tanto guardadas no coração, com outros de seus bens mais caros.

E se aproximaram mais.
Os corpos agora estavam juntos. Finalmente. Novamente. E nada mais neste mundo iria desfazer aquilo, eles sabiam.
E suas respirações pararam de novo, outro instante. Seus corações, ao contrário, já seguiam como cometas errantes.

Frente a frente, ele acariciou-lhe a face, suavemente, gentilmente. Ela merecia assim. Ele sabia. Movendo a mão, seus dedos se encheram naquele seu cabelo. Uma moldura. A sensação era única. Seus olhos o inebriavam. Ela, presa a ele, fitava aqueles olhos calmos, profundos e matava a saudade daquele rosto que há tempos não via. Era difícil pensar.

E ambos respiraram fundo, por bem mais de um segundo.

E, no instante seguinte, ele voltou sua boca para a dela e os lábios se encontraram desta vez.
Totalmente.
Foi quando o primeiro beijo aconteceu.

Lábios com lábios apenas. Não queriam ter. Não tinham pressa.
Tinham, na verdade, agora, todo o resto de suas vidas, independente do quanto isso durasse.

E os lábios se tocaram e se beijaram, calmamente, por um tempo impossível de se medir, por um momento impossível.

Suas mãos, agora, seguravam o rosto delicado dela. Seus braços o traziam com força para junto de si.

Tomado por aquela saudade imensa, pelo encanto e pela paixão que tinha por ela, ele voltou os lábios para as proximidades dos dela, para sua face, para os olhos de lápis, para as sobrancelhas, a testa e os beijou todos, todo aquele rosto luminoso, com uma urgência contida, um quase desespero, que só quem amou à distância conhece.

Ela retribuía os beijos todos, de igual maneira, com igual urgência, saudosa daquele que estivera longe por tanto tempo.

Então, ele, que sempre soube o que iria acontecer, tornou a beijar-lhe a boca e, desta vez, delicadamente, procurou com sua língua a dela, para, num encontro calmo, darem-se o segundo beijo.
Então, ela, que sempre soube o que iria acontecer, beijou-lhe de volta para, num encontro calmo, darem-se o segundo beijo.

E se deram vários segundos beijos, ali, de pé, sem saber se respiravam ou não, se seus corações batiam ou não. Sem saberem nada.
Vários pequenos beijos completos, leves e doces. Que era pra matar aquela saudade.

E, finalmente, passado mais um período de tempo, daqueles mesmo que não dá pra se medir, ele a abraçou forte – o braço esquerdo envolta de sua cintura, o direito envolvendo e protegendo seus ombros, de um jeito firme e carinhoso, que só ele sabia fazer – e colou-se a ela de uma maneira que os dois, ali, eram realmente um só. Ela o abraçou de volta, com toda a força que ainda que lhe restava e com um jeito carinhoso e firme que só ela sabia fazer.

E se deram o terceiro beijo.

Os lábios totalmente colados, como se não quisessem se afastar nunca mais.
As línguas se tocando ora com calma, ora com paixão e ferocidade absurdas.

Beijavam os próprios lábios. Beijavam as próprias línguas. Beijavam a si. Beijavam-se e se abraçavam com a força, o calor, a calma e a pressa que só os amantes têm.

A respiração a galope solto.

A saudade, enfim, se esvaindo.

Os olhos úmidos.

Os corações felizes porque, eles sempre souberam, valera a pena esperar.

E porque o Tempo, agora, era deles.

*Enzo Del Bueno, autor do texto, é servidor da 8ª vara.